

## APRESENTAÇÃO

Já afirmei em diversos escritos que a arquitetura escolar e o espaço por ela determinado são entendidos como portadores e transmissores de mensagens de sentidos múltiplos, não deixando de lado, evidentemente, os sujeitos a quem se destinam, quais sejam, alunos, professores e funcionários, os primeiros receptores de seus significados e que fazem uso do espaço enquanto indivíduo-destinatário, mas também aqueles que o visitam ou simplesmente contemplam. Contudo, ao experienciarem o espaço escolar - estar no local onde convergem todas as mensagens e significados espaciais – eles também reagem a estas mensagens, segundo as características próprias do universo escolar e suas intercessões com as realidades sócio-culturais do espaço-tempo dado.

Portanto, para entender a escola e suas transfigurações é significativo também compreender como as linguagens arquiteturais penetram esse espaço permeado por discursos ramificados na sociedade e na história. E desse modo, temos na importância dos estudos acerca da arquitetura e do espaço escolar, elementos analíticos que demonstram que a gramática espacial insere-se no tempo, e o edifício escolar em um espaço que dialogam com as transformações do tecido urbano e, mais proximamente, com as políticas educacionais, arquiteturais e higienistas que determinavam a construção deste tipo de prédio. Portanto, é preciso considerar como os debates arquiteturais repercutiam diante das concepções de escola e verificar as tipologias adotadas por certas correntes artísticas e culturais. O objetivo é identificar os modos construtivos, seus elementos decorativos e programas iconográficos e a relação contextual com os modos pedagógicos sobre o espaço escolar.

Destacaria também a importância que o exame da concepção de espaço escolar possui nesse tipo de discussão. Entender e observar a rigidez e as flexibilidades de sua localização frente às determinações que levaram a construção e/ou transformação de lugares em instituições educacionais, não se descuidando do modo como ele foi organizado na sua paisagem, é um caminho viável. Assim, torna-se interessante entender como a arquitetura escolar se relaciona com os planos e projetos urbanísticos que intervêm na formação e transformação da cidade e seus territórios, procurando apreender a história da produção do espaço escolar como parte dos processos de urbanização intermediada por discursos, linguagens, representações e concepções sobre a escola na história da cidade. Desse modo, com a remodelação do tecido urbano e o saneamento físico e social que objetivavam o embelezamento das grandes cidades, os prédios escolares contribuíram para esta nova paisagem como co-participantes na construção e transmissão de discursos sobre o moderno. Portanto, penso a arquitetura escolar mesclada às demais arquiteturas e construções da cidade em uma trama de

relações diacrônicas e sincrônicas que se desenvolvem a partir de intervenções em sua paisagem urbana, onde o território ocupa um espaço marcado por tempos e valores históricos. Assim, do ponto de vista da pesquisa histórica, essas gramáticas quando problematizadas fornecem explicações de questões decorrentes dos processos de urbanização na qual a arquitetura escolar assume forma e função civilizatória na configuração da cidade moderna.

É também significativa a importância dos tratados de arquitetura por permitir nos aproximar dos limites e potencialidades da ação de seus arquitetos ao estabelecer ligações com diferentes realidades históricas que testemunharam proposições de programas que transformariam arranjos urbanos por questões políticas, ideológicas e culturais. Ao estabelecer este paralelo entre a arte de construir e a história do pensamento escolar, os autores aqui reunidos propõem em suas diferentes pesquisas análises que consideram as teorias e os modelos arquiteturais como instrumentos que orientam as controvérsias estéticas e tradições políticas de seu tempo que visam compreender dilemas da transformação da paisagem urbana sob o olhar do arquiteto. Mesmo atentos a esta linguagem, é preciso observar que nem sempre ela traduz com a nitidez desejada as estruturas espaciais e as qualidades estéticas do edifício escolar, cabendo, portanto, o aprofundamento interpretativo de aspectos que valorizam uma psicologia da percepção desta arquitetura, abordando como ela se revela criativa, não se restringindo apenas ao estudo das formas, mas adentrando em seus conteúdos.

É partir destas reflexões que convido à leitura do dossiê “História, Arquitetura e Educação: um diálogo possível”, composto por um conjunto de artigos de pesquisadores fascinados pelo tema da arquitetura escolar, os quais agradeço por terem aceito meu convite para compor a presente publicação.

Boa leitura !

Marcus Levy Bencostta  
Organizador do Dossiê